



CHAMADA DE ARTIGOS 2020

A revista *Cinema & Território* associa as artes visuais à antropologia e à noção de territorialidade. No âmbito desta linha principal é abrangida a reflexão científica de carater performativo nas áreas da dança, da música e do teatro.

A originalidade da antropologia visual é que contraria o paradigma antropológico tradicional: a linguagem. No entanto, a linguagem verbal de uma cultura não se adapta para descrever outra cultura. O método visual alarga o vocabulário verbal considerado impreciso para descrever emoções, gestos, posturas, interações... como, por exemplo, uma dança: só imagens podem mostrar toda a poesia dos movimentos dos corpos, harmonia das cores, a originalidade dos trajes, as mudanças de ritmo e a música que a acompanha. As palavras limitam-se a descrever gestos e movimentos sem, no entanto, revelar o encanto do momento.

O cinema e a antropologia têm em comum o facto de observarem e de se apropriarem, pela imagem, do ser humano. Cineastas, fotógrafos, etnólogos são sensores de momentos e de histórias cujo olhar é confrontado com a complexidade da representação do Outro – representação pictural, mental, social ou íntima. Este “objeto”, destacado pelo profissional das imagens insere-se num quadro – quadro da lente da câmara ou quadro paisagístico – produzindo um espaço com as suas limitas e os seus atores, – um território cinematográfico.

Hoje, o cinema parece, mais do que nunca, interpelado pela questão do território, da sua travessia e dos seus limites. Decerto que, a mobilidade marcou o cinematógrafo desde o seu nascimento: mobilidade da imagem (fotografia em movimento), mobilidade de temas filmados, mecânicos, animais, humanos (cavalos galopando, humanos atravessando a praça, comboios chegando à estação), mobilidade da câmara (travellings e outros panorâmicos), mobilidade de operadores (podemos citar Francis Doublier, um dos operadores que viajou pelo mundo para recolher imagens – Munique, Berlim, Varsóvia, S. Petersburgo – onde se juntou a Felix Mesguich, operador de Louis Lumière: « *J'allais dans toutes les villes du monde où il y avait l'électricité* »¹).

Esta passagem fronteiriça continuou na história do cinema, particularmente no domínio da distribuição cinematográfica, permitindo tanto um maior conhecimento do cinema (fronteiras horizontais), como uma distribuição, por vezes, desigual da produção (fronteiras verticais). De facto, há um arrojado renascimento cinematográfico vindo do “Sul” (do Terceiro Mundo por oposição ao “Norte” dos países ricos), de

¹ Cité par Michaël Mandl, in *Inédits du cinéma muet*, Archives MM ©, 2017.

contextos económicos e institucionais pobres. Caminhando pelo espaço, forma de expressão da exploração de novos territórios, é diversamente seguida por muitos jovens cineastas mediterrâneos ou asiáticos (Argélia, Irão, Índia, Tibete) cujas obras são muitas vezes classificadas como “cinema experimental” por ter saído do quadro formatado do dito “cinema cultural”.

O filme move-se ainda mais depressa, porque perdeu a materialidade (numerização da cadeia de produção, montagem e projeção), mas os próprios realizadores, atores, técnicos, migram constantemente de acordo com várias modalidades e motivações (económicas, políticas e estéticas, entre outras).

A própria poética do filme foi afetada. As fronteiras geográficas já não são as únicas a serem postas em questão; as de géneros (documentário/ficção, curta/longa metragem, experimental/comercial, moderno/clássico, incluindo novos formatos utilizados nas redes sociais) até a questão existencial do próprio filme (vide a questão do crítico de cinema André Bazin, *O que é o cinema*, hoje?) enquanto arte específica, moveram-se, cruzando as fronteiras que, outrora, separavam, por exemplo, a música, a literatura, o teatro e as artes plásticas.

O conceito de Território – multidimensional – permite interrogar os profissionais do visual e da imagem sobre as diversas formas de produção de espaços (Henri Lefebvre) cinematográficos – tanto enquanto espaço de mediação artística, como de poder (cinema político, económico e cultural).

Bazin, A. (1961). « Qu'est-ce que le cinéma ? ». *Cinéma et Sociologie*. t. III. In *Communications*, 1, 1961. pp. 211-220.

Lefebvre, H. (1974) « La production de l'espace ». *L'Homme et la société*, N. 31-32, 1974. Sociologie de la connaissance marxisme et anthropologie. pp. 15-32. DOI : <https://doi.org/10.3406/homso.1974.1855>

A revista de arte e antropologia das imagens, *Cinema & Território*, pretende reunir, no seu **VARIA** – número 5-2020 –, trabalhos que espelhem esta realidade, através de uma contribuição alargada à vasta área que o conceito de território nos traz e que o cinema promove.

Os Coordenadores Científicos da C&T

Christine Escallier (UMa | CRIA)
Teresa Norton Dias (UMa | CEMRI-UAb)

CALENDÁRIO

Prazo de envio de resumo: **03 de maio de 2020**

Comunicação de aceitação: até 17 de maio de 2020

Prazo de envio de artigo: **19 de julho de 2020**

Previsão de publicação: novembro de 2020

Aceitam-se contribuições em português, francês, inglês, espanhol, italiano, alemão.

Podem apresentar trabalhos investigadores doutores e profissionais. São permitidos trabalhos de doutorandos supervisionados por doutores.

As propostas deverão ser enviadas para o endereço ct-review@mail.uma.pt e devem respeitar as “Instruções para Autores” da revista disponíveis em: <http://www.ct-review.org/normas-para-publicacao/>

Para mais informações relativas a esta publicação eletrónica consultar o *site* da revista em: <http://www.ct-review.org>